

Entrevista: A Luta Antirracista com Vitória Régia Izau por Rangel Cerceau

Interview The Anti-Racist Fight with Vitória Régia Izau by Rangel Cerceau



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v14i1.3408>

Rangel Cerceau Netto

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professor de História da Arte Universidade do Estado de Minas Gerais
cerceaup@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0001-8013-7645>

Recebido em: 20/05/2021 – Aceito em 27/07/2021

Resumo: Esta entrevista busca discutir a problemática racial brasileira, das pesquisas e projetos voltados para a luta antirracista e ações afirmativas que visem à igualdade racial. Também busca-se discutir políticas públicas e a formação de professores relacionados à história da África e cultura afro-brasileira. Espera-se que essa entrevista possa contribuir para o engajamento de ações afirmativas e da luta contra o racismo.

Palavras-chave: Antracismo, Ações Afirmativas; Igualdade étnico-racial.

Abstract: This interview seeks to discuss the Brazilian racial issue, research and projects aimed at the anti-racist struggle and affirmative actions aimed at racial equality. It also seeks to discuss public policies and teacher training related to African history and Afro-Brazilian culture. It is hoped that this interview can contribute to the engagement of affirmative action and the fight against racism.

Keywords: Anthracism, Affirmative Actions; Ethnic-racial equality.

E-HUM: Pergunta, Olá Vitoria, pensamos numa entrevista mais informal, para falar sobre educação antirracista e a prática docente. Dentro desta perspectiva gostaria que vc falasse um pouco de sua trajetória de luta antirracista e os desafios dessa luta na formação e na prática docente?

Vitória Régia Izau: Essa pergunta é ontológica porque me fará pensar em toda a minha trajetória até os dias atuais. Em primeiro lugar, preciso dizer que a escravização trouxe uma marca histórica que associou toda pessoa preta a um ser sem humanidade. Isso faz com que toda pessoa preta atravesse dilemas impostos pelo racismo desde a mais tenra infância. Por vir de uma família na qual minha mãe Luzia hoje com 81 anos sempre teve consciência racial, posso dizer que minha luta antirracista iniciou no primário, em plena ditadura militar quando ela teve que intervir diante de uma professora racista que torturava os alunos pretos com toda sorte de injúrias e violências para que as crianças se tornassem objeto de escárnio e risadas, por terem características físicas distintas dos demais, numa escola pública na zona sul do Rio de Janeiro. Ver minha mãe, bradando o direito de que crianças pretas como eu tivessem que ser respeitadas e que não tolerasse qualquer nível de violência, me fez entender que a luta contra o racismo me educou muito mais que os conteúdos escolares. Aprendi ali, aos 8 anos que infelizmente o racismo está presente em todas as esferas da sociedade e que me acompanharia por toda existência, visto que esta mãe também tinha sido educada pela luta cotidiana por justiça e igualdade racial. A visão altamente politizada foi acentuada pela vivência comunitária na favela da Rocinha, onde meus irmãos foram agentes comunitários, tendo um deles se tornado Conselheiro da Infância e da Adolescência no nível municipal e coordenado uma grande instituição de educação infantil. Essas experiências, me mostravam que estudar era um direito e não uma be-

nesse. Minha mãe rompeu o ciclo familiar de sua geração quando me narrava que eu tinha de estudar para não ser empregada doméstica (com todo respeito à esta profissão). Ela dizia que a única possibilidade de crescimento pessoal e profissional seria viver as possibilidades que lhes tinham sido negadas. Este fato sem dúvidas, alterou o meu destino. Eu fui uma criança que amava ler, adorava estudar e era com muito zelo e orgulho que minha mãe me estimulava a seguir à frente. Nos anos 90, decidi fazer o vestibular, após um ano de investimento num curso preparatório pago arduamente com meu salário numa empresa de fotos instantâneas. Eu dizia para todos que era uma tentativa, porque ser privada de meu salário, não foi fácil. Trabalhava com contrato de 40 horas semanais e estudava no cursinho pré-vestibular. Esse movimento resultou em ser aprovada em três universidades públicas para os cursos de pedagogia e Serviço Social. Decidi pelo Serviço Social na UERJ. Ao final da década de 1990, ao me casar com um profissional formado pela mesma universidade no curso de enfermagem, venho residir em Belo Horizonte, onde construí meu mestrado e doutorado em Educação na UFMG. Em 2017 através do Programa Abdias Nascimento da CAPES, aprovada em uma única bolsa para pesquisadores negros e indígenas, realizei meu estágio doutoral na Universidade de Coimbra em Portugal e neste mesmo ano fui nomeada e tomei posse como docente concursada da UEMG. Hoje sou coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Relações Étnico-Raciais (NEPER), sou coordenadora do GT Educação no Conselho Municipal de Políticas de Igualdade Racial e Reparação histórica, Presidenta da Comissão Central de Heteroidentificação da Universidade. Além de uma mulher preta divorciada, poetisa, cantora e mãe orgulhosa de Gabi, Isa e Lucas.

E-HUM: Aproveitando, você gosta muito de trabalhar com literatura para, de certa forma, tocar em pontos delicados e até mesmo trazer alguns aspectos da teoria da educação, mas de uma forma mais leve, que é trabalhar com literatura. Esse forma de trabalhar foi produtiva para você, foi sempre produtivo, como conseguiu resultado bom neste sentido? Conseguiu fazer da literatura um meio mais agradável para defender as lutas antirracistas e as políticas afirmativas?

Vitória Régia Izau: Bem, esta é uma luta também. Ser uma mulher preta, traz como disse o Milton Nascimento “a estranha mania de ter fé na vida”. Esta fé se fortalece a medida que torno a escrita literária uma poderosa aliada contra o racismo e suas tentativas constantes de desumanização. Falar das sentimentalidades, dos amores, dos afetos, da espiritualidade, me fez reconhecer que com minha palavra sigo na maioria das vezes até sem querer, sendo uma representante na luta. A palavra poética, sempre me encantou porque este olhar que revela e desvela o pensar no cotidiano, me inscreve como sujeito histórico, na construção do ser, na função da arte como expressão da emancipação, ainda que tenhamos correntes históricas que tentam nos silenciar. Como disse Maria Carolina de Jesus, ninguém pode apagar o que escrevemos. Esse é o resultado bom: imortalizar nossas ideias na palavra escrita. Contudo, meu livro de poesias “Conexões Afro-mulheristas” foi publicado antes do meu movimento para publicar em breve a minha tese. E isso tem a ver com o meu fazer criativo. Não acredito e nem postulo para mim a racionalidade eurocêntrica que separou ciência e religião, racionalidade e emoção, pensamento e ato. Postulo que a poesia não se faz em nenhum vazio existencial. Ela se concretiza no olhar de dentro, de perto e de fora de uma dada realidade. Ao escrever, nem sempre com leveza, me sinto realmente livre.

E-HUM: Temos visto hoje lideranças que exercem uma função importante do ponto de vista da representatividade pelo fato de serem pretas, porém, em alguns casos, parece-lhes faltar uma formação voltada para lutas que dizem respeito às pautas étnico-raciais. Como você enquanto uma liderança feminina e preta vê essa questão (estamos pensando aqui no caso de lideranças negras que se posicionam de maneira distinta à luta antirracista como o presidente atual da Fundação Palmares)?

Vitória Régia Izau: O racismo é algo tão inescapável, que os autores antirracistas afirmam que este é estrutural. Ou seja, por estar na constituição da própria sociedade, muitos sujeitos pretos não conseguirão se enxergar com o pertencimento à sua raça (no sentido ideológico e não biológico, visto que foram refutadas as teses que utilizaram o termo raça como classificação de grupos humanos para justificar a pretensa superioridade dos europeus) e vão infelizmente reproduzir violências his-

tóricas, incluindo o auto-ódio por sua descendência e traços africanos. Eu realmente lamento que esta questão exista em qualquer lugar social e estou convicta de que não basta uma pessoa ser preta para me representar. Esta pessoa citada, por exemplo, não me representa e tem sido um ser à serviço do projeto político que o movimento negro combate e não se trata de falta de formação. Este senhor visivelmente defende a naturalização da violência racial, é um ser completamente à serviço desta mentalidade escravocrata, colonialista e violenta que está no poder.

E-HUM: Bom, considerando que você é uma mulher que construiu uma trajetória de sucesso e com sua experiência hoje, o que você diria a uma jovem preta que compartilha de histórias de dificuldades semelhantes a sua e que tem muitos sonhos. Qual seriam os desafios para jovens negras hoje?

Vitória Régia Izau: Penso que para quem tem a pele preta, a ideia de “sucesso” não seja adequada. Tivemos uma luta diária, independente do lugar social que alcançamos com nossa agência (no sentido weberiano) e intelectualidade. Entendo que por ser uma professora preta, Doutora em Educação, muitas estudantes se inspirem em mim e eu é claro, tenho também referências em mulheres que são das gerações anteriores. Ser uma referência, é uma responsabilidade que carrego com muito respeito, prezando pelo legado dos que vieram antes. Então não me vejo como totem, ou seja, não posso ser atomizada. Eu me sinto uma sobrevivente do caos que o racismo e o machismo trazem à vida de todas as mulheres pretas. O desafio maior que percebo e que foi maximizado com a pandemia, é o de sempre. Lutar pelo nosso direito de existir, viver plenamente e ser feliz. Incluo neste desafio, a defesa de políticas públicas para o combate ao racismo em todas as suas manifestações.

E-HUM: Aproximando a entrevista aos desafios atuais relacionados à pandemia de COVID 19, como você analisa os impactos de tal realidade para as políticas públicas de reparação e de ações afirmativas.

Vitória Régia Izau: Para mim a pandemia ampliou desigualdades já existentes. Por se tratar de uma crise sanitária, as pessoas com acesso à água potável, álcool em gel e possibilidades de não se aglomerar, estavam em larga vantagem social. Obviamente as periferias, as comunidades quilombolas e os diversos grupos sociais em vulnerabilidade viram suas dificuldades serem aprofundadas. No bojo dos impactos nocivos deste terrível acontecimento, as populações historicamente excluídas, tiveram que sobreviver em condições alarmantes e obviamente sem eficácia de um governo que competiu no alcance do desastre que a pandemia causou. A luta pela vida tornou-se uma legítima questão para todas as pessoas em situação de pobreza e se não fossem os coletivos, os movimentos sociais, a luta de diversos profissionais engajados, e políticos responsáveis, o número de mortos seria ainda maior que os mais de 600 mil mortos. É notório que os impactos da pandemia, num governo assumidamente machista, racista e homofóbico, trouxe como consequência o arrefecimento dos investimentos nas políticas públicas em geral, sinalizando drástica diminuição dos direitos trabalhistas e previdenciários. Dada a questão central que é o racismo como um sistema que estrutura as desigualdades no país, obviamente que a luta pela vida como mencionei, é uma pauta extremamente necessária e neste ano em que se completam 20 anos da Conferência de Durban, na qual o Brasil assumiu o compromisso social com o enfrentamento do racismo, estamos hoje com a necessidade de adensar a luta, principalmente neste contexto de ameaças à democracia. Defender mais investimentos para a política de ações afirmativas não pode ser apenas como ideia retórica ou meramente discursiva. Todas as instituições e espaços sociais precisam compor políticas de reparação, devido a grande dívida histórica que o país tem com o povo que o construiu. A história que foi contada na ótica dos dominadores, hoje está cada dia mais revista. Isso implica o sério compromisso com a reversão dos impactos deletérios da colonização e da escravização.

E-HUM: Para terminar, gostaríamos de lhe fazer uma pergunta pessoal sobre o seu livro de poesias *Conexões Afro-mulheristas*¹. Nas suas poesias é perceptível o empoderamento da mulher negra na perspectiva da resistência e da busca a uma ancestralidade africana, porém em muitos momentos a percepção e de que a sua poesia se pauta particularmente na influência de uma vivência cristã. Essa percepção teria haver com a sua trajetória de vida li-

gada a movimento de lutas neopentecostais?

Vitória Régia Izau: Caros amigos da e-hum, eu jamais fui uma cristã do segmento neopentecostal. Inclusive, sempre mantive distância da ideia de que devemos lutar por um céu hegemônico, um paraíso pós-morte, enquanto a desigualdade social é naturalizada. Não é à toa que são vítimas do discurso extremista e das fakenews as famílias cristãs nas vilas e favelas, devido ao discurso de superação da pobreza por meio da fé e de líderes religiosos manipuladores. Eu me considero uma mulher preta, que assume a fé no Cristo que foi em pessoa a expressão de amor em palavras e atos. Isso sem dúvidas repercute também na minha poesia que entendo como forma de compartilhar meu amor à todas as mulheres pretas de luta. O livro é composto por quatro capítulos, e um deles é dedicado à questão da espiritualidade. O que ao meu ver não está ligada a nenhuma religião ou segmento religioso. Não acredito em nenhuma religião que se diga cristã e não se comprometa com a transformação social. Minha espiritualidade está articulada ao olhar de poesia que manifesto sobre mim e sobre o mundo. O livro tem essa dimensão: a de dizer de mim, em minha própria narrativa e em momentos completamente diferentes. O livro é um grande registro poético da minha infância na favela da Rocinha, até este momento pós-doutorado e ingresso por concurso como docente de uma universidade pública. Então, busquei selecionar os textos, segundo o que eu quis dizer sobre cada temática. Quem quiser saber mais, vai precisar apreciar a obra e ver que todas as circularidades que me compõe estão nele: o meu ser mulher, ser mãe, ser cantora, ser poetisa, ser pesquisadora, não numa perspectiva reducionista, mas como um registro de quem hoje ousa publicar ideias, pensamentos e sentimentalidades. Se o racismo tenta nos desumanizar, o livro nos traz alento e a convicção de que estou em conexão e diálogo com outras experiências de mulheres pretas no Brasil e no mundo.

¹ IZAÚ, Vitória Régia. Conexões Afro-mulheristas. Brasília-DF, Aldeia das Palavras, 2020.